Dia 30 — São Fernando, Rei de Castela e de Leão

São Fernando, modelo dos príncipes cristãos, exemplar dos monarcas valerosos e prudentes, terror dos infiéis e o mais ditoso capitão de quantos pelejaram as batalhas do Senhor, foi filho de dom Afonso, o nono, rei de Leão, e de dona Berenguela, primeiro infanta e depois rainha de Castela. Ignora-se o lugar, o dia, o mês e até o ano de seu nascimento [^1]; vergonhoso descuido de nossos historiadores, por mais que se queira desculpar com algumas considerações em que tem mais parte o engenho que a razão.

Criou a rainha a seus peitos a Fernando e com o leite parece que mamou o santo filho as virtudes da mãe, princesa verdadeiramente piedosa, que deixou eternizada em nossos anais a memória de seus religiosos exemplos, tanto como a lembrança de suas heroicas ações. Imprimiu desde logo em seu terno coração o santo temor de Deus tão profundamente que tudo respirava no menino virtude, religião e compostura; tanto que, observando-o São João de Mata, fundador da religião da santíssima Trindade, numa ocasião em que passava por Burgos e sendo ainda Fernando de poucos anos, tendo lançado sua bênção a todos os demais infantes, filhos do rei dom Afonso, ao chegar a Fernando parou e com espírito profético lhe prognosticou as maiores felicidades. Amou e obedeceu sempre a sua mãe, ainda depois que subiu ao trono, com tanta submissão que, censurando-o alguns cortesãos, lhes disse com inteireza: «Quando deixar de ser filho, deixarei de ser obediente.»

Separada a rainha dona Berenguela de seu marido o rei dom Afonso por haver-se declarado nulo o matrimônio por causa do parentesco, ficou o infante com o rei seu pai em Leão, e a rainha se retirou à corte de seu irmão Henrique primeiro, rei de Castela. Sucedeu a desgraçada morte deste príncipe na cidade de Palência, e por ela ficou herdeira da coroa a infanta dona Berenguela. Ocultou-o ao rei de Leão a sagacíssima princesa, receando que aspirasse ao trono de Castela, fundando a pretensão no título de esposo; e enviou a pedir-lhe com instância a seu filho o infante dom Fernando, que já era de dezoito anos, pretextando a opressão em que a tinha a desmedida ambição dos condes de Lara. Logo que a rainha teve em seu poder a seu filho, renunciou em seu favor a coroa e o fez aclamar por rei de Castela, primeiro em Nájera e depois nas cortes de Valladolid, onde lhe juraram homenagem todos os ricos-homens; e, passando o jovem rei à igreja maior com exemplaríssima piedade, pôs aos pés do Senhor aquela coroa que ele mesmo acabava de lhe pôr na cabeça.

Deu-se por ofendido o rei de Leão da cautela com que dona Berenguela lhe havia tirado seu filho e de tudo o que havia sucedido em Castela; entrou por terra de Campos com dois poderosos exércitos, passando tudo a sangue e fogo; não quis dar ouvidos às proposições de paz que lhe ofereceram Fernando e Berenguela, por não verem-se precisados a tirar a espada contra um pai e um marido; aproximou-se de Burgos, apresentou-lhes duas batalhas, e em ambas foram

inteiramente derrotados os leoneses, ainda que muito mais poderosos que os castelhanos, porque pôde mais que o número a razão e a justiça. Terceira vez voltou o rei de Leão com maiores forças a buscar seu filho; e, estando para dar-se uma sangrenta batalha, compadecido o jovem monarca de tanto inocente sangue de vassalos seus, presentes e futuros, como se havia de derramar nela, desarmou a seu pai o rei de Leão com uma carta que lhe escreveu em que competiam a piedade, a razão e a ternura, arranjando-se aquela diferença mediante uma quantia de maravedis de que o rei dom Afonso se supunha defraudado, porque não achou melhor razão para escusar a injustiça de suas armas, e o generoso Fernando lha concedeu de pronto.

Por conselho de sua mãe, a rainha dona Berenguela, casou-se em primeiras núpcias com dona Beatriz, filha de Filipe, imperador da Alemanha, em quem a formosura, a honestidade e a prudência eram iguais à fecundidade, tendo-lhe dado o céu sete filhos deste ditoso matrimônio, cinco infantes e duas infantas. Morta dona Beatriz, passou a segundas núpcias com dona Joana, filha de Simão, conde de Poitiers [^2], de cujo tálamo lhe nasceram outros dois filhos e uma filha.

Sossegadas as turbulências de Castela pela morte do conde de Lara, aplicou-se o santo rei a fazer felizes seus vassalos. Publicou um perdão geral em favor de todos os que o haviam ofendido; mandou que todos os particulares fizessem o mesmo; nomeou para o governo das cidades os sujeitos mais capazes e mais bem quistos, de zelo e justificação mais acreditada; encarregou aos tribunais a mais reta e mais imparcial administração da justiça, recomendando-lhes sobretudo as causas dos pobres. E, noticioso de que haviam entrado na Espanha alguns hereges albigenses, dedicou-se com os maiores desvelos e com a maior tenacidade a exterminá-los, levando ele mesmo a lenha em seus reais ombros e aplicando a ela por suas reais mãos o fogo para que fossem abrasados. Era sua prudência muito superior a seus anos, porque suplia com vantagens a oração o que faltava à experiência. Empregava nela muitas horas do dia e da noite; seus jejuns eram contínuos, suas penitências rigorosas e sua frequência de sacramentos muito extraordinária para aqueles tempos: diligências com que logrou ter de sua parte o céu para todos os seus acertos, que foram tantos como suas resoluções; pelo que seus vassalos o amavam como pai ao mesmo tempo que o obedeciam como rei.

Aproveitando-se desta boa disposição, determinou fazer guerra aos mouros, que tiranizavam uma grande parte da Espanha, não para estender seus domínios, mas para dilatar o império da religião. Apenas se soube em Castela que o rei saía a campanha, apresentaram-se-lhe armados os senhores e cavaleiros mais principais do reino, seguidos de seus vassalos, com os quais juntou um respeitável exército, escolhendo a cidade de Cuenca por sua praça de armas. Noticioso deste movimento, o rei mouro de Valência, Zeyan, passou a Cuenca e lhe jurou perpétua vassalagem, vencido mais de seu agasalho que do temor de suas forças. O mesmo exemplo seguiu Maomé, rei de Baeza, logo que o santo rei pôs o pé na Andaluzia; sendo estas as duas primeiras vitórias que lhe concedeu o céu sem sangue, presságios das muitas que depois havia de ganhar com a ponta da espada.

Foram tantas que, em trinta e cinco anos que reinou, sem deixar o aço da mão, não deu batalha que não ganhasse, não sitiou praça de que não se fizesse dono, não invadiu reino de que não se apoderasse; mas tampouco empreendeu guerra que não fosse com o fim de dilatar o império de Jesus Cristo. Perguntado qual seria a causa de que suas venturas fossem maiores que as de seus

antecessores, respondeu: «Talvez meus maiores cuidariam mais de conquistar províncias para si que de ganhar reinos para o céu.» Por isso, antes de sair a campanha e todo o tempo que estava nela, dispunha que em todo o seu reino se fizessem contínuas orações, rogativas e penitências para que lançasse Deus a bênção sobre suas armas. Para entrar nas ações armava o peito e os braços com um áspero cilício, confiando nele mais que nas braçadeiras, no peitoral e no morrião. Ao tempo de acometer implorava o favor de Deus e de sua santíssima Mãe, cuja imagem levava diante de si no arção da sela. Jamais confiou na força das armas, mas no auxílio de Deus; e assim não lhe caía da boca aquilo do Profeta: *Dominus mihi adjutor; non timebo quid faciat mihi homo:* O Senhor é meu auxílio, e a nenhum homem temerei. Os despojos que lhe tocavam, ao ponto os destinava ao culto divino; e em todos os sítios assinalados com algum triunfo memorável deixava eternizada a memória, erigindo algum piedoso monumento em reverência da Virgem, dos santos ou dos anjos. Assim tinha como alistada debaixo de seus estandartes a vitória, porque só se desdobravam em defesa do Deus dos exércitos seus religiosos pendões.

No ano de 1232 morreu seu pai o rei dom Afonso de Leão, não sem sinais de que ainda duravam em seu coração algumas relíquias dos passados ressentimentos contra o santo filho, porque contra toda a justiça o deserdou, declarando sucessoras na coroa as duas infantas dona Sancha e dona Dulce, filhas do segundo matrimônio. Não podia em boa consciência abandonar Fernando seu legítimo direito; e, entrando armado a tomar posse do reino que por todos os títulos lhe pertencia, saíam a recebê-lo os povos e as cidades, abrindo-lhe voluntariamente as portas, porque, antes que a coroa o fizesse dono das províncias, sua virtude e seu valor lhe haviam sujeitado os corações. Somente a cidade de Leão lhe fez alguma resistência pela teimosia de dom Diogo Lopes de Haro, filho da condessa dona Sancha; mas, ameaçado do céu com a morte numa visão em que lhe apareceu Santo Isidoro, rendeu a igreja e a torre onde se havia encastelado, e, entrando o rei na cidade, foi coroado nela com real magnificência.

Dono já Fernando de Castela e de Leão, converteu todas as suas forças contra os africanos. Por meio de seu filho o infante dom Afonso, com uma partida de gente desbaratou um numeroso exército de Abenut, rei de Jerez de la Frontera; vitória que em todo o reino se teve por milagrosa, e os mesmos mouros publicaram que haviam visto a Santiago, padroeiro das Espanhas, e a outros cavaleiros, cobertos de resplendor, pelejar no ar em favor dos cristãos. Igualmente se teve por milagrosa, e se atribuiu aos méritos do santo rei, a valerosa defesa da Peña de Martos, que fez a condessa dona Irene com só suas mulheres contra um formidável exército de agarenos, entretendo-os até que chegou o socorro. Não foi menos milagrosa a que fez o mestre de Calatrava do Alcázar de Baeza, aonde voltou com os seus depois de havê-lo desamparado de noite, chamado de uma resplandecente cruz que se deixou ver sobre o castelo, e não só se defendeu valorosamente de uma multidão de mouros que o sitiavam, mas, fazendo uma vigorosa saída, os desalojou da cidade e se fez dono dela. Cercado o grão-mestre de Santiago de uma inumerável multidão de infiéis e estando muito duvidosa a vitória, declarou-se enfim pelos cristãos, assegurando graves autores que deteve o sol sua carreira à voz do grão-mestre, como à voz de Josué, pela oração de nosso santo, que então a estava fazendo muito fervorosa, tendo fixos e imóveis os olhos para o Ocidente.

Por si mesmo fez tributários os reinos de Valência e Granada e conquistou à frente de seus exércitos os de Múrcia, Córdoba, Jaén e Sevilha, pondo fim a suas conquistas e a sua vida pouco

depois que se apoderou desta última cidade, em cujo sítio, que durou dezesseis meses, quase se contaram os prodígios pelos dias. Apenas se lê outro mais famoso nas histórias, e por certo nenhum houve em que competissem mais os extraordinários favores do céu com a consumada perícia militar do capitão. Tão soldado como santo, ordenou o sítio com tanta prudência e com tanta compreensão como se só houvesse esperado das forças humanas a conquista a que aspirava; e tão santo como soldado, de tal maneira colocou toda a sua confiança nos auxílios divinos como se nada tivesse que esperar de todos os meios humanos.

Antes de tudo desterrou de seu exército as desordens que traz consigo a licença militar. Assentou seus arraiais de maneira que nada faltasse, nem ao exercício da religião, nem à comodidade do soldado, nem à boa disciplina. Distribuiu-os em ruas, praças, mercados e oficinas públicas, com todos os ofícios, lojas e abastecimentos que se poderiam desejar na cidade mais populosa e mais bem governada. Erigiu três templos nos quais os muitos eclesiásticos e religiosos que sempre seguiam o exército celebravam todos os dias os divinos ofícios com a mesma regularidade que nas mais ajustadas catedrais, e o santo rei assistia indefectivelmente a eles no templo principal. Frequentava os sacramentos em público para dar bom exemplo; passava horas inteiras em oração, tanto de dia como de noite; dobrou os jejuns e as penitências, não passando dia algum nos dezesseis meses do cerco sem tomar três sangrentas disciplinas.

Por outra parte, bloqueou a cidade, tomando todos os caminhos por onde pudesse entrar-lhe algum socorro; e, para cortar-lhe os do mar, mandou ao almirante Bonifaz que ocupasse com as naus a boca do Guadalquivir e rompesse a ponte de barcas que facilitava a comunicação de Triana com Sevilha, como ditosamente o conseguiu no dia da Invenção da Santa Cruz. Abateu o orgulho dos mouros em todas as saídas que fizeram, que foram muitas e desesperadas; ficando tão escarmentados que se resolveram a manter-se encerrados dentro dos muros da cidade. Com isto e com uma visão que teve o santo rei, em que lhe apareceu Santo Isidoro, arcebispo de Sevilha, assegurando-lhe que a tomaria, ainda que à custa de muito trabalho, foi-se estreitando mais o cerco.

Confirmou-se esta esperança com outro prodígio. Estava uma noite o religioso monarca fazendo oração num templo de seus arraiais, diante da imagem de Nossa Senhora dos Reis, e ouviu uma voz, pronunciada pelo mesmo simulacro, que lhe dizia: «Em minha imagem da Antiga, em quem tanto confia tua devoção, tens uma contínua intercessora; prossegue, que tu vencerás.» Esta imagem da Antiga, por singular providência do céu, estava então na mesquita maior dos mouros, no centro da cidade; mas, enajenado Fernando com o favor que acabava de receber, sai do templo, atravessa seus arraiais, aproxima-se de Sevilha, encontra na porta de Córdoba um formosíssimo mancebo que o encaminhou à mesquita, abrem-se-lhe as portas, adora profundamente a imagem, volta pelo mesmo caminho e acha na mesma porta de Córdoba a espada que ao entrar se lhe havia caído sem advertir, porque lhe sobrava para sua defesa a proteção da santíssima Virgem. Finalmente, o rei mouro Axataf lhe rendeu a cidade, e entrou nela no dia da trasladação de seu arcebispo Santo Isidoro, fazendo triunfar a imagem dos Reis, que num magnífico carro triunfal de prata foi conduzida à mesquita maior, purificada antes por dom Gutierre, arcebispo de Toledo, onde se cantou um *Te Deum* com a maior solenidade.

Esta contínua cadeia de felicidades era muito devida às virtudes de Fernando. Nenhum príncipe enlaçou melhor as heroicas de santo com as mais elevadas de monarca. No ardor da fé em nenhum reconheceu vantagens e poucos lhe fizeram competência. Por ela só foi sua vida rigorosa e literalmente uma perpétua milícia sobre a terra: sempre com as armas nas mãos, sempre em campanha, sempre em sangrentas batalhas, sempre em arriscados sítios, sempre em perigosas conquistas, sempre em contínuas fadigas, sempre cercado de riscos. Correu muitos perigos sua vida, contra a qual conspiraram repetidas vezes os mouros, assalariando aleivosos assassinos; e quando chegava à notícia do santo costumava dizer que os infiéis não tanto pretendiam lançar do mundo sua pessoa quanto desterrar dele a fé que professava. Jamais desembainhou a espada senão puramente por defendê-la e por dilatá-la. Pode-se dizer que também morreu por ela, pois ao cabo lhe tiraram a vida os trabalhos que padeceu no zeloso empenho de sua propagação; pelo que o bispo de Tuy se adianta a pô-lo no catálogo dos mártires.

À vivacidade de sua fé correspondia o ardor de sua devoção. Todas as suas empresas começavam por rogativas, prosseguiam com votos e acabavam em ação de graças. Confiava mais nas orações dos religiosos que no valor de seus soldados. Por isso dizia que os templos eram os alcáceres de seu reino, as religiões seus muros e os coros dos religiosos os esquadrões que o defendiam.

No amor e terna devoção à Rainha dos anjos foi singularíssimo. Três imagens suas levava sempre consigo: uma a dos Reis, que por piedosa e bem fundada tradição se crê foi milagrosamente pintada. A esta santa imagem pôs o rei casa real com todos os ofícios de palácio, camareira, mordomos, fidalgos, capelães, reis de armas e porteiros, servindo estes ofícios os infantes e os principais senhores da corte; e hoje os serve a mais ilustre nobreza de Sevilha com religiosa emulação. Acompanhava-o outra imagem de prata da mesma soberana Rainha, e é a mesma que se venera no meio do altar-mor daquela igreja metropolitana. Era de marfim a terceira e de um terço de comprimento; esta a levava fixa no arção da sela, para consolo da alma, incentivo do coração e devoto recreio dos olhos. Todas as suas empresas começavam com Maria e acabavam com Maria; esta Senhora pelejava, esta vencia e a mesma decretava sempre Fernando todas as honras do triunfo.

Correspondiam a estas todas as demais virtudes. Sua caridade não tinha limites. Fundou hospitais, casas de refúgio e de misericórdia; e, estando em campanha, o mesmo santo rei fazia ofício de enfermeiro com os soldados feridos. Visitava-os, consolava-os e não poucas vezes por suas mesmas reais mãos lhes dava as medicinas. Nos pleitos dos pobres era seu advogado e nas necessidades seu pai. Ele foi quem introduziu o piedoso costume de servir os reis da Espanha a comida a doze pobres na Quinta-feira Santa, lavando-lhes e beijando-lhes os pés, como se tem continuado até hoje em seus reais descendentes e sucessores. Amava tanto em geral todos os seus vassalos que costumava dizer que estimava mais a vida do menor deles que mil cabeças de mouros. A limpeza de seu corpo foi igual à pureza de seu espírito, e até por isso lha premiou o Senhor, concedendo-lhe tão numerosa posteridade, a que costuma negar a muitos príncipes e a outros que o não são, em castigo e como por efeito natural da desordem e da incontinência. Foi tão zeloso da formosíssima virtude da castidade que, tendo sabido que uma mulher dissoluta havia provocado um religioso dominicano e que este se havia precipitado no fogo por fugir da ocasião, mandou que a desavergonhada mulher fosse lançada às chamas, para que um fogo castigasse os atrevimentos de outro; e nesta resolução se manteve inexorável.

Soube juntar a soberania do trono com a humildade verdadeiramente cristã, fazendo honra às máximas do Evangelho sem degradar a majestade. Era o santo rei, sem disputa, o homem mais sábio de seu reino, o mais instruído, o mais experimentado e o mais prudente. Contudo, desconfiava tanto de si mesmo que fazia que o seguissem sempre doze varões doutos e maduros, com quem consultava todas as resoluções em que se lhe oferecia alguma dúvida, não para seguir seu ditame às cegas e sem exame, mas para ponderá-lo e conformar-se com o que parecia mais acertado. Fora daquelas ocasiões em que era mister ostentar a majestade rodeada dos resplendores do trono, era sumamente afável e humano com todos. Tendo-o visitado em Cuenca o rei mouro de Valência, recebeu-o com o maior agasalho e deu-lhe cadeira debaixo de seu dossel; modesta humanidade que acabou de ganhar-lhe o coração mais que o medo das armas. Perguntado pouco antes de morrer de que matéria queria que se lhe dispusesse o sepulcro e em que conformidade se lhe havia de levantar a estátua, respondeu: «Minha vida sem repreensão nem culpa, da maneira que pude, e minhas obras, essas sejam meu sepulcro e minha estátua.»

Mas em nenhuma ocasião deu maiores mostras de sua profunda humildade e de sua muita religião que na hora da morte. Acometido da última enfermidade, que contraiu pelos trabalhos, fadigas e desvelos do sítio de Sevilha, e conhecendo que se aproximava sua última hora, pediu e recebeu com a maior devoção o santo viático, que lhe administrou seu confessor, o bispo de Segóvia. Antes que entrasse em seu quarto o Rei dos reis, lançou uma corda ao pescoço, levantou-se da cama, prostrou-se no chão, tomou na mão um crucifixo e dispôs-se com os mais vivos atos de dor e arrependimento de suas culpas para recebê-lo, mandando que tirassem de sua câmara todas as reais insígnias da majestade. Logo que teve em seu peito o soberano Monarca da glória, recolheu-se dentro de si mesmo e ficou arrebatado num dulcíssimo êxtase. Voltado dele, chamou a rainha dona Joana, o príncipe e os infantes; despediu-se de todos com ternura e com inteireza; deu ao príncipe dom Afonso os melhores documentos; encarregou-lhe a obediência ao pontífice, a proteção da Igreja, a veneração ao estado eclesiástico, o amor de seus vassalos, o amparo dos pobres, a reta administração da justiça, a boa eleição dos ministros e sobretudo a propagação da fé; e concluiu seu arrazoado com estas palavras: «Deixo-te vassalas ou tributárias todas as terras que possuíam os mouros desde o mar até cá; se conservares estas conquistas, serás tão bom rei como eu; se as adiantares, serás melhor rei que eu; se as perderes, não serás tão bom rei como eu.» Pediu depois perdão aos ricos-homens e demais circunstantes de tudo aquilo em que pudesse tê-los ofendido, e responderam todos com lágrimas que não tinham agravos que perdoar, mas muitos benefícios que agradecer. Mandou entrar seus capelães; fez que cantassem o *Te Deum...* e ao segundo versículo entregou suavemente aquela grande alma nas mãos de seu Criador, na quinta-feira 30 de maio do ano 1252. Seu corpo foi enterrado na igreja maior de Sevilha, onde se conserva até o dia de hoje inteiro e flexível, exalando um suavíssimo odor. Rei verdadeiramente admirável e sem exemplar que, superior à fraqueza humana, fez escada para o céu das maiores prosperidades.

Martirológio Romano

Em Roma, na via Aurélia, a festa de São Félix, papa, que recebeu a coroa do martírio no tempo do imperador Aureliano.

Em Torres, na Sardenha, os santos mártires Gabino e Críspulo.

Em Antioquia, os santos Sico e Palatino, que sofreram multiplicados tormentos pelo nome de Jesus Cristo.

Em Ravena, São Exuperâncio, bispo e confessor. Em Pavia, Santo Anastásio, bispo. Em Cesareia da Capadócia, São Basílio e Santa Emélia, sua mulher, pais de São Basílio Magno, os quais, tendo sido desterrados no tempo de Galério Maximiano, habitaram muito tempo nas solidões do Ponto; e depois de haver cessado a perseguição morreram em paz, deixando seus filhos herdeiros de suas virtudes.

Em Sevilha, na Espanha, São Fernando III, rei de Castela e de Leão, apelidado o Santo por causa da excelência de suas virtudes: depois de haver vencido os mouros e assinalado seu zelo pela propagação da fé, deixando um reino perecedouro, voou ditosamente a um reino eterno.

Missa (oração)

A missa é do comum de confessor não pontífice, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui beato confessori tuo Ferdinando præliari prælia tua, et fidei inimicos superare dedisti: concede, ut ejus nos intercessione muniti, ab hostibus mentis et corporis liberemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que concedestes ao bem-aventurado Fernando, vosso confessor, que pelejasse vossas batalhas e vencesse os inimigos de vossa fé, concedei-nos a nós que, por sua intercessão, vençamos todos os nossos inimigos do corpo e da alma. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 4 da primeira do apóstolo São Paulo aos Coríntios.

1 Coríntios 4,9-14

> **Latim:** 9 Puto enim quod Deus nos Apostolos novissimos ostendit, tamquam morti destinatos : quia spectaculum facti sumus mundo, et angelis, et hominibus. 10 Nos stulti propter Christum, vos autem prudentes in Christo : nos

> infirmi, vos autem fortes : vos nobiles, nos autem ignobiles. [11] Usque in hanc horam et esurimus, et sitimus, et nudi sumus, et colaphis cædimur, et instabiles sumus, [12] et laboramus operantes manibus nostris : maledicimur, et benedicimus : persecutionem patimur, et sustinemus : [13] blasphemamur, et obsecramus : tamquam purgamenta hujus mundi facti sumus, omnium peripsema usque adhuc. [14] Non ut confundam vos, hæc scribo, sed ut filios meos carissimos moneo.

Português: [9] Porque entendo, que Deos nos tem posto pelos últimos dos aposto- los, como sentenciados á morte: por- que somos feitos espectaculo ao mundo, e aos anjos, e aos homens. [10] Nós nescios por Christo, e vós sabios em Christo: nós fracos, e vós fortes: vós nobres, e nós desprezi- veis. [11] Até esta hora padecemos até fome, e sede, e desnudez, e somos esbofeteados, e não temos morada segura, [12] e trabalhamos obrando por nos- sas proprias mãos: amaldiçõão-nos, e bemdizemos: perseguem-nos, e o soffremos: [13] somos blasfemados, e rogamos: temos chegado a ser como a im- mundicia d'este mundo, como a escoria de todos atégora. [14] Eu não vos escrevo isto, para vos envergonhar, mas amocesto-vos como a filhos meus, que muito amo.

Nota

«Sabido é que São Paulo escreveu esta primeira epístola à igreja de Corinto por ocasião das diferenças que reinavam entre os fiéis, para preveni-los contra os enganos do amor-próprio e do espírito demasiadamente mundano que governava suas operações. No capítulo quarto, de onde se tirou, dá-se uma justa ideia dos verdadeiros ministros do Evangelho e mostram-se as prendas pelas quais se lhes deve estimar.»

Reflexões

É a virtude um espetáculo para o mundo, que não acerta a compreender como possa ser plausível; é espetáculo para os anjos, que admiram nela a força da graça; e é finalmente espetáculo para os homens, que nela encontram a fonte e o manancial da verdadeira felicidade. Buscam-se milagres em nossa religião; mas haverá algum mais admirável, mais universal nem que deva assombrar mais que o que cada dia apresentam aos olhos tantas almas piedosas e pessoas tão religiosas, que são o espetáculo e a admiração de seu século? Repara-se pouco nesta maravilha por ser tão frequente; mas por ser tão frequente será menos maravilha? Muitos milagres se encerram nos claustros, na vida escura e nas virtudes escondidas de tantas almas perfeitas e fervorosas. Um jovem, herdeiro de grandes títulos e de maiores riquezas, solicitado de tudo o que poderia tentá-lo; dotado das mais escolhidas, das mais brilhantes prendas; numa idade que se considera a sazão de todas as diversões; à entrada de uma carreira em que tudo o lisonjeia, tudo se lhe mostra risonho, sacrifica sua nobreza, seus muitos bens, suas maiores esperanças e por amor de Jesus Cristo tudo

pospõe a uma vida pobre, humilde, escura e escondida. Terão muita parte neste milagre a natureza nem os sentidos?

Uma donzela nobre, tão distinguida por seu nascimento como por seus dotes pessoais, por sua formosura, por sua discrição, por sua bizarria, por seu despejo, ídolo talvez de todo um povo, prefere um grosseiro véu em que quer sepultar-se a todo o fausto e aparato de galas, de joias e de aplausos de cortejos que naturalmente haviam de arrebatá-la. Costumam confundir-se estes milagres da graça com os caprichos do gosto ou com a diversidade das compleições; mas olhem-se com reflexão um pouco mais de perto, desenvolvam-se os motivos, considerem-se os fins, tenham-se presentes as consequências, cote-se tudo com nossa fraqueza, e então se descobrirá o milagre mais claro que a luz do dia.

Nós somos néscios por amor de Jesus Cristo, dizia o apóstolo São Paulo. O mesmo podem dizer todos os dias essas almas piedosas que, olhando com horror e com uma cristã compaixão a prudência da carne, são reputadas no mundo por simples e por mentecaptas. Em meio disso são verdadeiramente discretas e prudentes. Na verdade, sua prudência é mais superior às luzes da razão; está muito mais acima do que pode alcançar o espírito do mundo; mas ela é infalível, porque é de fé, e foi seu modelo o mesmo Jesus Cristo. Olhe-se-a mais de perto e mostrar-se-á o milagre em todos os seus efeitos.

Nós sofremos a fome, a sede e a nudez, continua o Apóstolo; *carregam-nos de maldições, e respondemos com bênçãos; enchem-nos de injúrias, e respondemos com orações.* Pôde chegar jamais a tal ponto a filosofia mais dissimulada, a mais ambiciosa, a mais fina? Aqueles chamados sábios da Grécia obraram nunca por pura virtude? Sua afetada fleuma não era muitas vezes efeito da mais fogosa cólera? E o grosseiro e artificioso desprezo das conveniências da vida não nascia de um orgulho intolerável? Falando a rigor, nada há digno de admiração, nada milagroso em matéria de costumes fora da religião cristã. Sua lei, seus conselhos, suas máximas, seus dogmas, tudo é um prodígio, tudo um milagre, e somente os cegos deixam de conhecê-lo.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas, e o mesmo que o do dia 18.

Lucas 12,32-34

> **Latim:** 32 Nolite timere pusillus grex, quia complacuit Patri vestro dare vobis regnum. 33 Vendite quæ possidetis, et date eleemosynam. Facite vobis sacculos, qui non veterascunt, thesaurum non deficientem in cælis : quo fur non appropriat, neque tinea corrumpit. 34 Ubi enim thesaurus vester est, ibi et cor vestrum erit.

Português: 32 Não temais, ó pequenino rebanho, pois que foi do agrado de vosso Pai dar-vos o seu reino. 33 Vendei o que possuis, e dai-o em esmolas. Provei-vos de bolsas, que se não gastão com o tempo, ajun- tai nos ceos hum thesouro, que não acaba: aonde não chega o ladrão, e ao qual não rée a traça. 34 Porque onde está o vosso the- souro, ahi estará tambem o vosso coração.

Meditação

Da humildade

Primeiro ponto

Considera que nenhuma virtude é mais liberalmente recompensada que a humildade. *Aos humildes salvará Deus,* diz o Profeta. *Não tens que temer, pequena grei.* Convosco falo, os que pareceis tão pequeninos a vossos próprios olhos e quase desapareceis aos alheios; porque vosso Pai, que o é das misericórdias, se comprouve em escolher-vos com preferência a todos os demais para que povoeis o reino dos céus. Para vós é este reino; e ninguém entrará nele que não seja humilde. A soberba precipitou daquela corte celestial os anjos rebeldes, e a humildade a povoará de espíritos humildes; este é como o título primordial de sua ditosa posse. Meu Deus, e quão pouco conhecida é no mundo esta verdade!

Não há nele coisa mais rara nem mais escassa que esta virtude; mas tampouco a há mais importante. Nenhuma outra nos ensinou tanto Jesus Cristo com suas palavras e com seus exemplos: *Discite a me.* Não quis, por assim dizer, que tivéssemos outro mestre da humildade que ele mesmo; nem tampouco podia haver quem no-la ensinasse de um modo mais eficaz. A humildade é a virtude de Jesus Cristo e de todos os seus verdadeiros filhos. E pergunto: é a humildade nossa virtude? Não se trata agora daquela humildade especulativa, que consiste só em conhecer cada um a pobreza de seu talento: este conhecimento o têm todos os homens capazes, e somente os tolos podem deixar de tê-lo. Fala-se da humildade cristã, que é a humildade de coração. Esta não só abre os olhos do conhecimento próprio; não só ensina o baixo conceito que cada qual deve ter de si mesmo; mas se alegra de que os demais formem também o mesmo baixo conceito. Bem pode alguém ser humilhado sem ser humilde; para ser humilde é mister comprazer-se na humilhação; e este é o fundamento do edifício cristão. É-o também do nosso? Possuímos esta virtude que tem o céu por herança? Entramos no número daquela pequena grei que não tem por que temer? Somos na verdade pequeninos; mas somos humildes aos olhos de Deus?

Com todo o coração desejo sê-lo, ó divino Mestre; e é justo que siga ao menos vosso exemplo. Um Deus humilde é verdadeiramente um grande remédio para curar minha soberba.

Segundo ponto

Considera que não há virtude mais à mão para todo gênero de gentes que a humildade; ninguém há que não se encontre a si mesmo muito pequeno se se olha com olhos sãos. Os empregos, os títulos, o nascimento, as dignidades em si mesmas têm algum preço, mas não o comunicam; o verdadeiro mérito sempre há de ser pessoal. O homem mais perfeito é o que tem menos faltas; o maior é o mais humilde, porque a soberba e o orgulho sempre acreditam pouco coração e pouco espírito. Basta haver pecado ou poder pecar para que vivamos sempre humildes. A virtude, a inocência, o mérito e a mesma santidade oferecem grandes materiais ao exercício desta virtude. Sejam nossas máximas e nossos ditames neste ponto a regra por onde devemos julgar de nosso verdadeiro mérito.

Ninguém há que não possa e não deva humilhar-se; o grande, conhecendo seu nada; o pequeno, amando sua escuridão e abatimento. Ó meu Deus, e quão amável sois! Se houvésseis feito dependente de outra virtude nossa salvação, muitos talvez se considerariam excluídos de vosso reino; mas ninguém se pode escusar de ser humilde. Considera que coisa tão fácil é a um o ser santo quando o ser humilde é tão natural. E pergunto: é-nos muito familiar uma virtude que temos tão à mão? De onde nasce aquela delicadeza, aquela sensibilidade tão inquieta, aquela falta de apacibilidade tão ordinária, aquela imortificação tão viva? De que outro princípio provêm quase todas as nossas faltas?

Busca um só santo que não tenha sido humilde. São Fernando foi rei; dotou-o o céu de tantos talentos naturais e sobrenaturais que em poucos se encontrará competência e não sei se se achará vantagem em algum. Mas quem viveu mais abismado, por assim dizer, dentro do próprio conhecimento? As prosperidades que ordinariamente e como naturalmente enchem de inchaço o coração humano, ao seu o submergiam e em certa maneira o aniquilavam. Nasceu grande rei; fez-se muito maior e quis morrer como o último de seus vassalos. Em que se parecem nossos ditames aos seus? Ao considerar nosso modo de discorrer, não se poderá julgar que temos descoberto alguma nova senda para ir ao céu? Ó grande Deus, que maior prova de que é bem curto o número dos escolhidos que o ser limitado o número dos humildes!

Desejo, meu Deus, ser deste pequeno número; e por isso vos peço com as maiores veras que me concedais esta amável virtude. Humilhai-me, Senhor, quanto for de vosso agrado; mas fazei-me a graça de que seja humilde.

Jaculatórias

> *Vilior fiam plus quam factus sum; et ero humilis in oculis meis.* 2Sm 6.

Sim, Senhor, cada dia quero ser mais humilde a meus próprios olhos; e por isso desejo ser cada dia mais humilhado e mais abatido aos olhos do mundo.

>

> *Bonum mihi quia humiliasti me, ut discam justificationes tuas.* Sl 118.

Muito proveitoso me tem sido, Senhor, o que me haveis humilhado, pois dessa maneira me haveis feito dócil a vossos preceitos e rendido a vossos mandamentos.

Propósitos

1. Nos outros se estima e se louva grandemente a humildade; mas são poucos os que trabalham eficazmente para possuí-la eles mesmos. Se se pudesse ser humilde sem ser humilhado; se para sê-lo bastasse conhecer que há sobra de pecados, falta de virtudes, escassez de méritos, pobreza de talento, não seria tão rara esta virtude. Um pouco de entendimento basta para que cada qual se faça justiça a si mesmo; mas nossas sentenças neste particular jamais saem do secreto tribunal do entendimento e nunca se notificam nem as consente o coração. Mas é certo que só a humildade do coração é virtude cristã. Para lográ-la é mister, apesar da repugnância natural, levar a bem e até desejar ser humilhados. Examina cuidadosamente os rodeios, os efugios, os engenhosos artifícios do amor-próprio para evitar uma humilhação. Quão sensíveis ao mais leve menosprezo! Que vivacidade, que empenho em justificar até nossas faltas! Que desafeto, que ojeriza contra aqueles que, a nosso modo de entender, não nos estimam tanto como a outros! Toma uma firmíssima resolução de reprimir todas essas vivacidades, todos esses ditames, todos esses ímpetos do orgulho e ao menos de não queixar-te, de calar quando te sucedam certas pequenas humilhações e de rogar a Deus por todos aqueles de quem se vale sua amorosa providência para humilhar-te.

2. Não te contentes com escolher sempre o lugar mais humilde em todas as concorrências; deseja que to assinalem e alegra-te quando te retiram a ele: o primeiro pode ser atenção e boa criação, o segundo sempre é humildade verdadeira. Foge de tudo o que seja profanidade no vestido e segundo teu estado contenta-te por comum com o mais simples e com o mais modesto. Jamais trates ninguém com desdém, com desprezo nem com altanaria, nem sequer a teus mesmos filhos ou criados; o tom imperioso e de desprezo sempre é filho da soberba e do orgulho; nem para corrigir é mister ultrajar. Evita com o maior cuidado certo modo de andar fantástico e arrogante, que não prova menos a debilidade da cabeça que a destemperança do coração.

[^1]: No original esta passagem leva a chamada «(1)» com uma nota do tradutor («J. B.»): «Sabendo-se que São Fernando subiu ao trono de Castela à idade de dezoito anos, pode-se computar o ano de seu nascimento pela crônica do arcebispo dom Rodrigo e pela do bispo de Tuy: a primeira acaba no ano 1213 [sic], o vigésimo sexto do reinado de São Fernando; e a segunda no ano 1937 [sic], o vigésimo de seu reinado: resulta, pois, que São Fernando nasceu no ano 1193.» Os algarismos estão visivelmente alterados no OCR (devem ser 1243 e 1237, e o resultado de 1193 é duvidoso; a data comumente aceita é 1198 ou 1199). [^2]: Tal como no original; historicamente trata-se de Joana de Ponthieu, filha de Simão de Dammartin, conde de Ponthieu.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:48:44 by Admin
Updated 20 November 2026 20:48:44 by Admin